

Gênero e jornalismo: as dificuldades enfrentadas pelas mulheres em cargos de poder

Gender and journalism: the difficulties faced by women in positions of power

Género y periodismo: las dificultades enfrentadas por las mujeres en los puestos de poder

Anna Paola Scabello Araia
Universidade Estadual Paulista
Brasil
anna.araia@unesp.br

Angela Maria Grossi
Universidade Estadual Paulista
Brasil
angela.grossi@unesp.br

Abstract: The article analyzed the influence of gender disparities in journalism and the difficulties of female professionals to achieve leadership positions. The accounts of two newspaper editors in the city of São Paulo were used as empirical objects of the study. The research methodology includes a bibliographic survey and semi-structured interviews. Due to the Covid-19 pandemic, the interviews were conducted via Google Meet and WhatsApp. The results indicate that journalists in high positions suffer redoubled demands in relation to their colleagues and adopt a more “masculine” posture to impose respect.

Keywords:

Journalist women, Gender, Leadership positions

Resumo: O artigo tem como objetivo analisar a influência das disparidades de gênero no jornalismo e as dificuldades das profissionais para conseguir alcançar cargos de chefia. Utilizou-se como objeto empírico do estudo o relato de duas editoras na cidade de São Paulo. A metodologia da pesquisa conta com procedimentos de levantamento bibliográfico e entrevistas semiestruturadas. Devido à pandemia de Covid-19, as entrevistas foram realizadas via *Google Meet* e *WhatsApp*. Os resultados indicam que as

jornalistas em cargos altos sofrem cobrança redobrada em relação aos colegas e adotam uma postura mais “masculina” para impor respeito.

Palavras-chave:

Mulheres Jornalistas, Gênero, Cargos de chefia

Resumen: El artículo pretende analizar la influencia de las disparidades de género en el periodismo y las dificultades de las profesionales para acceder a puestos directivos. Se utilizó como objeto empírico el informe de dos editoras en la ciudad de São Paulo. La metodología de investigación cuenta con procedimientos de levantamiento bibliográfico y entrevistas semiestructuradas. Debido a la pandemia de Covid-19, las entrevistas se realizaron a través de Google Meet y WhatsApp. Los resultados indican que las periodistas en altos cargos sufren una exigencia redoblada en relación a sus colegas y adoptan una postura más “masculina” para imponer respeto.

Palabras clave:

Mujeres periodistas, Género, puestos directivos

1. Introdução

O processo de feminização do jornalismo no Brasil iniciou-se na década de 1980. Vinte anos mais tarde, elas já eram maioria nas redações. Contudo, a mudança do perfil do jornalista não foi acompanhada pela ruptura com antigos estereótipos e uma nova mentalidade mais diversa e inclusiva nas empresas midiáticas. As jornalistas enfrentaram – e ainda enfrentam – uma divisão sexual de trabalho, como a divisão de pautas frias para mulheres ou quentes para homens.

Os estudos feministas e de gênero possibilitaram debates dentro do ambiente de trabalho quanto à posição das mulheres em termos de respeito, salário, igualdade de oportunidades e chances de ascensão profissional. As jornalistas, inseridas nesse contexto de transformações sociais, também passaram a reivindicar seus direitos e interesses. No entanto, alguns comportamentos misóginos permaneceram de maneira implícita.

Entre os preconceitos mantidos está a dificuldade de as jornalistas alcançarem cargos de chefia em relação aos colegas homens. Em editorias com temas como cotidiano, cultura, gastronomia e moda existe equilíbrio no gênero dos editores, uma vez que tais assuntos são considerados “leves” ou “femininos”. Embora as editorias de *hard news* permaneçam, predominantemente, nas mãos de chefias masculinas, as mulheres já alcançaram um espaço de destaque em editorias como economia, representando um avanço, mesmo que lento.

Com o objetivo de compreender as dificuldades enfrentadas pelas jornalistas para ascender dentro da carreira, desenvolveu-se o presente artigo. Os relatos de duas jornalistas que atuam como editoras em um dos principais veículos de comunicação digital do país, com sede localizada na cidade de São Paulo, foram tomados como objeto empírico. Com uma pesquisa exploratória, o trajeto metodológico consistiu em procedimentos de levantamento bibliográfico e documental, além da realização de entrevistas semiestruturadas por meio de *Google Meet* e *WhatsApp*, em março de 2021. Durante a etapa de levantamento bibliográfico, constatou-se a escassez de estudos sobre a falta de diversidade nas chefias do jornalismo. Inicialmente, a pesquisa aborda a relação dos estereótipos de gênero com a divisão de cargos de mando, as percepções das entrevistadas quanto às antigas chefes mulheres; os percalços vivenciados pelas próprias entrevistadas e as mudanças presenciadas no contexto da pandemia de Covid-19.

2. O fator gênero dentro da hierarquia jornalística

Apesar dos avanços profissionais e de gênero dentro do jornalismo, a literatura acerca das dificuldades enfrentadas pelas jornalistas em cargos de mando ainda é escassa, o que reitera a importância deste assunto como objeto de estudo.

A partir dos estudos feministas surgem os estudos de gênero, pois a ideia de um patriarcado universal não era mais suficiente para explicar as desigualdades vivenciadas pelas mulheres. Nasce aí a separação entre os termos “sexo” e “gênero”, porque “por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído” (Butler, 2019, p. 24). Para a autora, “gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas gênero pode muito bem ser o aparato através do qual esses termos podem ser desconstruídos e desnaturalizados” (Butler, 2016, p. 253).

O gênero é uma construção feita a partir de “inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado” (Louro, 2016, p. 18).

De acordo com Butler (2019), um dos empecilhos no avanço da discussão de gênero e da identidade da “mulher” é a articulação do assunto dentro de uma linguagem masculinista. A definição de mulher seria, portanto, ancorada no masculino: ela é o outro, o irrepresentável e inconclusivo. A autora Butler (2019) aponta que o conceito de mulher engloba fatores para além dos órgãos genitais do indivíduo: “[...] porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas” (p. 20).

Logo, a mulher é uma construção a partir de valores e normas culturais vigentes em uma determinada sociedade. Seu corpo está inscrito dentro “das marcas, dos gestos, dos comportamentos, das preferências e dos desgostos que lhes eram ensinados e reiterados, cotidianamente” (Louro, 2016, p. 17).

Quando consideradas para uma posição alta dentro de uma empresa, as mulheres passam por uma avaliação mais rigorosa que a dos colegas homens. Muitas vezes, o julgamento de suas gestões passa por um olhar pessimista e de desconfiança, com necessidade constante de se autoprovar diante dos outros, sejam pessoas do mesmo nível hierárquico ou abaixo.

Ceribeli et al. (2017) citam entre os benefícios da variedade de gênero no alto comando das empresas a melhoria no diálogo entre homens e mulheres a fim de resolver conflitos, o aumento da criatividade e inovação dentro do espaço de trabalho e o efeito positivo refletido nos lucros.

As características desejadas de alguém com perfil de chefia são, geralmente, ligadas ao ideal do masculino, como força, autoridade, segurança natural e até mesmo agressividade (Bourdieu, 2019). O cargo de chefia possui, portanto, traços “sexualmente conotados”, reforçando a existência da divisão sexual do trabalho dentro das organizações.

A partir da década de 1980, o jornalismo no Brasil começou a passar pelo processo de feminização da carreira, o que foi acentuado pela falta de consolidação da profissão, diferentemente de outras áreas como o direito e a medicina (Rocha, 2004). De

acordo com Lima (2021), ao final de 2021, a maior parcela de jornalistas era formada por mulheres brancas, solteiras, com até 40 anos.

A pesquisa feita por Lima (2021) entrevistou 3.100 jornalistas, considerando que o universo amostral no país é de aproximadamente 142 mil profissionais. Da quantidade total de entrevistados, 57,8% disseram se identificar com o gênero feminino. Apesar de a maioria dos jornalistas serem mulheres, ainda existe diferença hierárquica e salarial em relação aos pares homens.

De acordo com Lelo (2019), alguns fatores dentro da cultura organizacional contribuintes para a perpetuação de desigualdades de gênero dentro do jornalismo são: a cultura organizacional que valoriza a figura masculina; a segregação vertical; a desigualdade salarial, independentemente do grau de qualificação acadêmica/profissional; a homosocialidade masculina; o exercício de “rituais de reparação” em cargos de chefia; e a avaliação do desempenho fortemente atrelada ao gênero.

Apesar da existência de complicadores na ascensão de mulheres a cargos de chefia na hierarquia jornalística, Bourdieu (2019) afirma que as profissionais estão cada vez mais presentes em postos de poder ligados à produção de conhecimentos ou bens simbólicos, como a própria mídia e o jornalismo.

A pesquisa “Mulheres no jornalismo brasileiro”, realizada por Mazotte e Toste (2017), indica que a quantidade de editores homens e mulheres é semelhante proporcionalmente nas editorias de comportamento, moda, cultura, gastronomia e turismo. A editoria de economia, anteriormente vista como um campo masculino, atualmente pende favoravelmente para as profissionais mulheres. Segundo os relatos das entrevistadas do estudo, “65,4% alegaram haver mais homens em cargos de poder e somente 15% disseram haver mais mulheres” (Mazotte e Toste, 2017). Ou seja, existe ainda uma diferença visível quanto aos cargos de chefia.

3. Como as jornalistas enxergam as chefes mulheres que tiveram

As mulheres, além da necessidade constante de aprovação dos colegas profissionais, enfrentam desigualdades salariais, sobrecarga em função da dupla ou tripla jornada de trabalho e maior dificuldade em galgar posições de chefia dentro das redações (Figaro, 2018).

Antigamente, não era tão comum encontrar jornalistas mulheres em cargos de edição e chefia. A fim de compreender melhor os desafios vividos por elas, serão analisadas as falas de duas jornalistas acerca de suas ex-superiores.

J.¹ e **W.** atuam como editoras em um mesmo veículo digital na cidade de São Paulo. O veículo em que atuam é um dos principais portais de jornalismo digital do país, com mais de vinte anos de mercado, além de possuir um público com faixas etárias variadas. **J.** tem 41 anos e **W.**, 42. As duas não são casadas nem têm filhos; contudo, **W.** tem um parceiro há 15 anos. **J.** trabalha em uma editoria voltada para temas mais factuais², com uma proposta de “jornalismo feito na rua”, de acordo com a definição feita pelo próprio veículo, enquanto **W.** participa da editoria de cultura, comumente associada à participação feminina, e contribui com uma coluna sobre esportes e diversidade.

Na experiência de **J.** e **W.**, ambas identificaram chefes mulheres que cobravam um alto padrão de excelência do conteúdo produzido pelos repórteres. Os conflitos com as chefes mulheres mostra “o diferencial de poder entre os gêneros, exigindo das mulheres a imposição da força, por não dispor da mesma legitimidade social dos homens para comandar” (Rocha, 2004, p. 205). Na visão das jornalistas, isso acontecia devido à elevada cobrança que as superiores tinham dos chefes homens. Afinal, elas não estavam no topo da hierarquia; pelo contrário, estavam em um nível intermediário e sofriam pressões de ambos os lados.

“Tive chefes mulheres que eram muito rigorosas. Mas acho que tinha mais a ver com a personalidade delas [...] Acho que existe uma cobrança desigual da chefia mais alta para com as chefes mulheres. Do chefe mais alto do que o editor, por exemplo, eu já vi cobranças desiguais, na minha vivência, para editores homens e mulheres, mas nem sempre percebi isso sendo repassado para os repórteres de uma forma desigual” **W.**

“Se ela não estivesse nessa situação de estar enjaulada, de ser extremamente cobrada [pelos superiores] por coisas pelas quais não respondia, ela teria uma reação diferente. Acho que é difícil também não repassar para os repórteres, porque ela era

¹ As jornalistas tiveram os nomes preservados com as letras J e W para não serem identificadas e evitar possíveis desconfortos. As entrevistas foram realizadas para a pesquisa de Iniciação Científica “Ser mulher no jornalismo: uma análise das desigualdades e da hierarquização”.

² Segundo Traquina (2005), o jornalismo factual é caracterizado pelas notícias mais urgentes ou de maior relevância em um determinado contexto, recebendo maior destaque da imprensa.

muito cobrada. Ela era uma editora mulher extremamente cobrada, é natural do humano repassar um pouco dessa bronca como válvula de escape. É difícil, eu entendo que as mulheres são mais duras [em cargos de chefia]. Acho que existe uma grande insegurança que vem junto com o cargo e por ser uma mulher ocupando esse cargo. Se há um homem acima de você, fatalmente você vai se cobrar posturas que sejam mais duras, enérgicas. Primeiramente porque o cara está olhando; um pouco é cena. Assim, tudo é performance, e a performance mais clássica é o chefe lá em cima e uma chefe intermediária dando uma de carrasco. Ela poderia mudar o jogo? Poderia, mas ela está no meio da hierarquia e tem medo. Então, é difícil, eu dou essa desculpa para as mulheres, porque acho que é isso, nós somos muito cobradas” **J.**

Outro aspecto relevante mencionado por **J.** foi de perceber, nos tempos como repórter, que “não havia um machismo escancarado, mas era um machismo socialmente aceito, esse que diz que o chefe homem trata mulheres que estão abaixo dele com uma certa condescendência, modula a voz, entende inseguranças e, quando percebe que a pessoa não lida bem com isso, força os atritos, gosta de colocar as pessoas em um limite emocional muito forte”. Embora as chefes mulheres tenham qualificação profissional igual ou melhor que a dos colegas homens, elas esbarram em diversas barreiras culturais: “o machismo, o sexismo, o racismo, que desqualificam e desempoderam as mulheres no investimento de suas carreiras” (Artigo 19, 2016, p. 25).

Logo, pode-se inferir que a imagem da mulher não oferece uma legitimidade de poder no cargo de chefia, pois ela é associada aos postos de subserviência. Os homens, enquanto isso, exercem posições de mando com respaldo de possuírem uma figura de autoridade e prestígio (Ceribeli et al., 2017).

4. Na voz das editoras

As mulheres são maioria nas redações; entretanto, a diferenciação de homens e mulheres dentro da hierarquia permanece. Para ultrapassar as barreiras hierárquicas, não basta o diploma para as mulheres; é preciso que elas lidem com os aspectos simbólicos do jornalismo (Leite, 2017). A feminização é predominante em áreas de menor prestígio: as profissionais representam 46,1% dos diretores de redação e 39% dos editores (Artigo 19, 2016).

No entanto, nas pesquisas existentes sobre a feminização e de perfil dos jornalistas, os dados representativos das regiões não foram divulgados, o que de algum modo impede a identificação das fragilidades profissionais no país. Na pesquisa conduzida por Lima (2021) os dados completos ainda não foram divulgados e esse é o estudo mais atualizado e abrangente existente no Brasil.

Tanto **J.** quanto **W.** viveram uma mudança de valores dentro do jornalismo; certos comportamentos e piadas misóginas não são mais tolerados no ambiente de trabalho, mas elas ainda estão inseridas dentro da lógica da divisão sexual de pautas. Como mencionado por Figaro (2018), a diferença de gênero não é um problema; porém, a desigualdade criada a partir dela, sim.

J. percebe que a maioria dos editores ainda é composta por profissionais do sexo masculino, principalmente nas editorias de *hard news*. As editorias de *soft news* e voltadas para o público feminino contabilizam um número mais proporcional de editoras mulheres.

A visão de **J.** condiz com a realidade da editoria de cultura de que **W.** faz parte: há uma divisão 50/50 entre editores e repórteres que a integram. “Na minha editoria, é bem equilibrada. Acho que são 4 [mulheres] e 4 [homens]. E os editores também, nós somos 2 homens e 2 mulheres”, disse ela. Apesar de **J.** estar em uma editoria com temas que permeiam o factual, político e social, sua editoria destoa das demais por trazer estilos textuais e narrativos diferentes. A editoria possui uma equipe de editores equilibrada, mas nos repórteres a proporção não se mantém, pendendo para os profissionais do gênero masculino.

J. admite que a sua visão destoa da dos demais colegas de empresa: “Eu entrei há um ano e meio, então a minha impressão é que os homens ainda ganham [são maioria nas chefias]. Mas eu ouvi muitas vezes dizerem que lá atrás era muito pior, tinha muita concentração de homens e estava mudando e melhorando”. A jornalista menciona que, ao longo dos quase vinte anos de carreira, nunca encontrou uma mulher em cargo de chefia que fosse negra ou indígena e tivesse uma origem periférica.

Além disso, **J.** percebe a continuação da prática de um tratamento condescendente dos chefes homens em relação às pares mulheres, algo que já tinha observado em relação às suas antigas chefes. “O cuidado que ele tem é um falso cuidado — na verdade, ele está te desmerecendo. Ele está duvidando da sua capacidade de

análise para determinadas coisas e aí ele já mastiga tudo para você, te entrega e fala qual o caminho a ser tomado”. As mulheres em altos cargos sofrem dupla cobrança: precisam comprovar constantemente sua competência para o cargo de forma igual ou melhor aos colegas homens (Leite, 2017).

Silva (2010) ressalta que as convenções de gênero e sexualidade possuem uma ligação intrínseca às relações de poder, visto que elas servem como uma barreira que legitima a permanência do *status quo* e naturaliza as desigualdades. Segundo Rocha (2007) e Silva (2010), os atributos desejados de alguém em cargo de chefia são características comumente associadas à figura masculina. Para justificar o cargo que possuem, as mulheres são induzidas a adotar uma postura “meio macha”, como definida por **J.**, pois essa ação aproxima a chefe de uma postura esperada de alguém do gênero masculino. Na hora de algum confronto ou discussão, é preciso ter “uma reação enérgica”, porque o chefe homem “não aceita o argumento falado na voz do rádio”.

W. vivencia o mesmo problema; porém, diferentemente de **J.**, opta por uma postura mais comedida, neutra e imparcial, porque “a reclamação ou indignação feminina é ainda vista com um olhar pejorativo, como se você fosse fragilizada ou estivesse fazendo ‘mimimi’”. Então, em todas as minhas colocações que precisam ser de fato mais assertivas, eu sempre me esforço ao máximo para fazer isso de cabeça muito fria, porque sei que tipo de interpretação as pessoas têm. Especialmente os homens. Percebi que havia uma tendência, sim, de desrespeito às colocações femininas nesses momentos. Tanto de pessoas que têm cargos mais baixos do que o meu quanto de pessoas iguais. Isso ainda é uma preocupação grande que eu tenho”.

Quanto ao tratamento das editorias com os repórteres das editorias, as duas jornalistas deram respostas considerando fatores internos ou externos a elas. **W.** considera que a sua postura em relação aos colegas de editoria não está associada à cobrança que recebe ou à questão de gênero. **W.** se considera uma chefe exigente, mas o tratamento com a equipe “sempre teve mais a ver com a personalidade das pessoas com quem trabalhei”.

Por outro lado, **J.** compreende que “nós achamos que não somos duras [na chefia], mas somos”. Ela também comenta que é preciso considerar o fator emocional, pois a sua conduta pode variar de acordo com o momento da vida pessoal — por mais

que “você esteja superpreparada, trate todo mundo bem e entenda tudo, é uma coisa muito volátil, tem resposta atravessada”.

As entrevistadas no estudo de Rocha (2007) relataram um comportamento severo e “desumano” por parte das mulheres. Isso acontecia devido à falta de poder “natural” na figura feminina, o que exigia o excesso da agressividade e do mando. Dentro do contexto de desigualdades de gênero nos cargos de chefia, as mulheres passam por uma pressão psicológica para adotar características vistas como masculinas e autoritárias (Rocha, 2004).

Além disso, **J.**, ao lembrar um dos primeiros cargos de chefia que ocupou, conta que teve um sentimento ambíguo quanto ao cargo. Ela estava feliz com o reconhecimento e o espaço que ocupava dentro de um importante veículo digital, mas as pressões externas — por dividir o cargo com um homem — e interna causavam medo e desconforto na jornalista. A impressão de **J.** está em consonância com as diferenças de cobrança hierárquica de gênero — “afinal, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder” (Foucault, 2021, p. 101).

“Tinha muito medo de repassar a minha insegurança para a equipe. Acho que várias vezes pisei na bola, porque não achava que merecesse estar ali. Era um p... (sic) cargo legal em um jornal que tinha um dos projetos editoriais mais legais que eu conheço. Estava tudo lindo, o lugar era maravilhoso, a equação era muito perfeita e ficava boa, mas eu tinha inseguranças e grandes cobranças. Não dá para dizer que você não é cobrado em uma posição de comando, quer seja por algum apuro em uma matéria, você deveria ter feito assim-assado. Ou na audiência, porque, às vezes, para alguns veículos é uma questão o número de assinantes e tal”. **J.**

Um fenômeno que ocorre de maneira comum com as editoras mulheres é o adiamento da decisão de ter ou não filhos. De acordo com relatório feito pela Artigo 19 (2016), as oportunidades escassas de ascensão dentro da carreira e o tratamento desigual de gênero dentro das organizações resultam na necessidade de a mulher dedicar um esforço maior ao trabalho, o que dificulta o equilíbrio entre a vida pessoal e a profissional. Com medo de abrirem mão do cargo e do estilo de vida do jornalismo, as editoras entrevistadas tinham deixado “em aberto” a escolha por muito tempo e, no

final, optaram por não ter filhos, independentemente de estarem ou não dentro de um relacionamento estável e duradouro.

Para **J.**, seria mentira dizer que o fato de trabalhar com jornalismo não pesou na decisão da maternidade; porém, no meio do processo, ela também entendeu que não queria ter filhos. “Acho que se eu tivesse mais vontade de ter tido filho, nos relacionamentos bons que eu tive, eu teria parado para pensar: ‘Tá, isso vai me levar para onde em termos de carreira? Eu vou conseguir alguma coisa depois?’. Aí você faz aquelas perguntas horríveis, que as pessoas deveriam ser honestas na hora de dizer: com quem eu estou casada? É alguém no meio? Será que pode me ajudar? Ou então: não é ninguém no meio, mas é alguém que tem um p... (sic) salário legal, a gente está com um colchão ali, está tudo certo. Vou me dar esse luxo, porque o jornalista trabalha para c... (sic). Quem trabalha de fato tem uma jornada de dez, doze, catorze horas, a depender do que você está cobrindo.”

W., que está com o mesmo companheiro há 15 anos, conta que lhe custou pensar a maternidade comparada à profissão. Ela não quis abrir mão do “estilo de vida” proporcionado pelo jornalismo e não tinha desejo natural de ser mãe, mesmo que tivesse receio em verbalizar isso. “Na verdade, eu nunca tive uma decisão sobre isso. Há mulheres hoje em dia que decidem mesmo ‘eu não quero ter filhos’, ‘maternidade não é para mim’, e eu acho isso muito corajoso. Para mim, funcionou um pouco diferente. Eu fui esperando o ‘meu tempo’ e o meu tempo de maternidade, na real, nunca chegou. Eu acho que tem, sim, a ver com a minha profissão, porque ela é uma coisa que, para mim, é muito importante, que eu vivo muito intensamente, e é assim que eu gosto. Eu me dedico muito a ela, ela me dá acesso a muitas coisas que eu gosto — pessoas, entrevistas com pessoas que eu gosto, viagens.”

Há, portanto, a necessidade de as profissionais hierarquizarem quais são suas prioridades: a maternidade ou a carreira profissional, como se as duas esferas se anulassem. Para boa parte das mulheres jornalistas, a criação de filhos ainda é associada aos problemas para ascender no emprego (Leite, 2017). A ideia parte do pressuposto de que a mulher, quando se torna mãe, não consegue priorizar o trabalho ou conciliar as duas atividades.

5. Pandemia de Covid-19 e o agravamento das desigualdades

O teletrabalho passou a ser, desde a década de 1980, associado às trabalhadoras mulheres, porque elas estariam ligadas aos cuidados da família e do lar (Solon et al., 2020). **J.** e **W.** têm longas jornadas de trabalho, algo sentido na dificuldade para encaixar a entrevista dentro de suas rotinas. Com a pandemia de Covid-19, a redação em que são empregadas passou a operar de forma 100% virtual, por meio do *home office*.

Para possibilitarem a prática do teletrabalho, Figaro et al. (2020) reconhecer o que:

Profissionais atuam no sentido da produção de um discurso que enfatiza a necessidade de adaptação às novas condições frente à Covid-19, e eles e elas não medem esforços para manter seu trabalho em dia, aperfeiçoando o uso de ferramentas já usadas, mas agora imprescindíveis para o trabalho. (p. 15)

W. comentou que não sentiu tanto o impacto da mudança de infraestrutura, pois já havia trabalhado antes como *freelancer* e tinha um espaço bom.

Como mencionado anteriormente, o receio existente quanto às relações dentro das editorias piorou no contexto pandêmico. O diálogo, na maioria das vezes, acontece por meio de mensageiros instantâneos, como *WhatsApp* e *Telegram*. **J.** sente que a comunicação na redação era melhor, porque na internet é mais fácil a pessoa não compreender exatamente o que você quis dizer. A jornalista ressaltou que o estresse, devido ao momento político, social, sanitário e profissional conturbado, exige maior cautela para entender as dificuldades enfrentadas pelos colegas de editoria. A equipe comunica-se, atualmente, por meio do *WhatsApp* e de reuniões.

A equipe de **W.**, após perceber que havia uma tendência em misturar a vida pessoal com a profissional via *WhatsApp*, optou por utilizar a plataforma *Slack*, que serve como aplicativo de mensagens. A fim de melhorarem a dinâmica interna, os jornalistas passaram a respeitar mais os horários comerciais.

Para Figaro et al. (2020), o uso dos aplicativos mensageiros traz implicações negativas para o jornalista: “Ampliam-se também as horas à disposição do mundo do trabalho, pois o *home office* é um estar em casa disponível para o trabalho todo o tempo, graças à ubiquidade das redes sociais e seus aplicativos” (Figaro et al., 2020, p. 26).

A realização das atividades laborais no mesmo ambiente que o espaço de lazer e descanso impactaram as rotinas das jornalistas, pois a falta de uma divisão resulta no encurralamento do período livre entre o tempo de afazeres domésticos e profissionais

(Solon et al., 2020). W. relatou que, quando entrou de férias, demorou uma semana e meia para se desligar dos assuntos de trabalho. O ambiente domiciliar era usado no “momento de lazer, de leitura, de me concentrar em outras coisas. Agora, não mais. O trabalho está aqui o dia todo, o tempo todo. Esse é, para mim, o maior desgaste”. O relato condiz com o apontamento feito por Figaro (2018): “os tempos e as demandas não sofrem interrupção, são contínuos” (p. 583).

Portanto, além dos estresses anteriores do cargo de editora, as jornalistas precisam redobrar o cuidado na comunicação com os integrantes das editorias e delimitar melhor os horários de labor e ócio. A casa passou por uma reformulação de sua finalidade, não servindo apenas para o lazer e o descanso, mas também para os propósitos do teletrabalho.

6. Considerações Finais

Atualmente, as jornalistas em cargos de chefia enfrentam menos obstáculos do que no passado. No entanto, isso não significa que suas trajetórias estejam isentas de cobranças e julgamentos apoiados em preconceitos de gênero. As entrevistadas puderam perceber a pressão de chefes homens em suas antigas superiores, o que acentuava o balanço de poder desigual e a insegurança nas profissionais. A palavra final era do chefe homem, pois a mulher não era considerada competente para tal e recebia um tratamento condescendente.

A partir do avanço das pautas feministas e de gênero, as mulheres conseguiram conquistar novos territórios dentro do jornalismo, adentrando as editorias de *hard news* e nos cargos de mando. Mesmo com as melhorias, as jornalistas em cargos de edição passam por cobrança excessiva dos superiores, necessidade de provar a sua competência diante dos demais colegas, adoção de uma postura rígida que legitime a sua posição. Além disso, uma imposição biológica ainda se faz presente: a decisão de optar pela carreira ou pela maternidade, algo que é comumente visto como o fim profissional das mulheres.

A pesquisa abrangeu duas jornalistas em cargos de chefia na cidade de São Paulo. Ambas são empregadas no mesmo veículo digital, mas em editorias diferentes. É importante destacar, quanto às entrevistadas, a constatação da permanência no tratamento condescendente dos chefes homens, a percepção de uma delas sobre a

encenação de papéis de gênero dentro da hierarquia jornalística e o efeito negativo das cobranças em relação à postura delas enquanto editoras. Ademais, novas preocupações surgiram com o teletrabalho, acentuando o estresse das profissionais, a falta de descanso e o cuidado na comunicação com os colegas de editoria.

O artigo mostrou, em linhas gerais, a forma como as periodistas em cargos de chefia perceberam a influência dos preconceitos de gênero no decorrer de suas carreiras profissionais. As jornalistas conseguem identificar alguns estereótipos e situações de “encenação”; porém, a fim de evitar conflitos e desgastes psicológicos, elas optam por participar das relações de poder impostas pelos chefes homens. Como as mudanças da profissão jornalística são constantes, faz-se necessário observar a evolução dos desafios vivenciados pelas jornalistas em cargos altos.

7. Referências

- Artigo 19. (2016). *Gênero e mídia: um olhar de gênero para o ambiente de mídia brasileiro. Aplicação dos indicadores de equidade de gênero para mídia da UNESCO*. <https://artigo19.org/wp-content/blogs.dir/24/files/2018/05/G%c3%aanero-M%c3%addia.pdf>
- Bourdieu, P. (2019). *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica*. Editora Bertrand Brasil.
- Butler, J. (2019). *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Editora Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2016). Regulações de Gênero. *cadernos pagu*, (42), 249-274. <https://www.scielo.br/j/cpa/a/Tp6y8yyyGcpfdbzYmrc4cZs/?format=pdf>
- Ceribeli, H. B., Rocha, G. B. de S. & Pereira, M. R. (2017). Mulheres em cargos de chefia: desafios e percepções. *Revista Diálogo*, (36), 09-24. <http://dx.doi.org/10.18316/dialogo.v0i36.3738>
- Figaro, R., Visibeli Barros, J., Rodrigues da Silva, N., Acosta Camargo, C., Marques da Silva, A. F., Molianni, J. A., Kinoshita, J. O., & Ferreira de Oliveira, D. (2020). Como trabalham os comunicadores na pandemia do Covid-19? *Revista Jurídica Trabalho E Desenvolvimento Humano*, 3, 1-39. <https://doi.org/10.33239/rjtdh.v.76>

- Figaro, R. (2018). O mundo do trabalho das jornalistas: feminismo e discriminação profissional. *Brazilian Journalism Research*, 14 (2), 570-591.
<https://doi.org/10.25200/BJR.v14n2.2018.1052>
- Foucault, M. (2021). *Microfísica do poder*. Paz e Terra.
- Leite, A. T. B. (2017). Editoras, repórteres, assessoras e freelancers: diferenças entre as mulheres no jornalismo. *Cadernos de Pesquisa*, 163 (47), 44-67.
<http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/3810>
- Lelo, T. V. (2019). A feminização do jornalismo sob a ótica das desigualdades de gênero. *Revista Estudos Feministas*, 27 (2), 1-14. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n254225>
- Lima, S. P. (2021). Perfil do jornalista 2021: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho [Apresentação de Trabalho]. 19º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. UFSC, Florianópolis, Santa Catarina.
<https://posjor.paginas.ufsc.br/files/2012/01/2020-09-28-Perfil-dos-Jornalistas-Brasileiros-2021-SAMUEL-PANTOJA-LIMA.pdf>
- Louro, G. L. (2016). Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, 19 (2), 17-23.
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643470>
- Mazotte, N., & Toste, V. (2017). Mulheres no jornalismo brasileiro. *Abraji/Gênero e Número*. https://www.mulheresnojornalismo.org.br/12901_GN_relatorioV4.pdf
- Rocha, P. M. (2007). Mulher jornalista: relações familiares a profissionais. *Revista Comunicación e Ciudadanía*, (1), 119-134.
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2542864>
- Rocha, P. M. (2004). As mulheres jornalistas no estado de São Paulo: o processo de profissionalização e feminização da carreira [Tese de Doutorado]. Universidade Federal de São Carlos.
<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/1412/TesePMR.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Silva, M. V. (2010). Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/25629>

Solon, M., Araújo, M., Rodrigues, N. & Nunes, M. V. (2020). O trabalho de mulheres jornalistas durante a pandemia da Covid-19: um estudo de caso dos reordenamentos produtivos no Ceará. *Revista Inter-Legere*, 3 (28), 1-24.
<https://doi.org/10.21680/1982-1662.2020v3n28ID20842>

Traquina, N. (2005). *Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional* (Vol. 2). Editora Insular.